



CADERNOS
PROARQ 43

REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO DO PROARQ

N.43 | Dezembro 2024

EDIÇÃO TEMÁTICA "Crítica, Mídias e Memória. Uma cultura transatlântica"

CADERNOS PROARQ 43

Reitor Roberto de Andrade Medronho

Vice-reitora Cássia Curan Turci

Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa João Ramos Torres de Mello Neto

Decano do Centro de Letras e Artes Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

FACULTY OF ARCHITECTURE AND URBANISM

Diretor

Dean

Guilherme Carlos Lassance

Vice Diretor

Vice Dean

Alexandre José de Souza Pessoa

Coordenação Geral do PROARQ

General Coordination PROARQ

Coordenadora Andrea Queiroz Rego

Vice-coordenadora Aline Pires Vérol

Coordenação Adjunta

Adjoint Coordinators

Editoria Rubens de Andrade

Ensino Luciana Bonvino Figueiredo

Extensão Fabiolla do Valle Zonno

Pesquisa Lucas Rosse Caldas

Câmara de Editoria

Board of Editors

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Rubens de Andrade

Conselho Editorial

Editorial Council

Çeça Guimarães, UFRJ

Cristiane Rose Duarte, UFRJ

Evelyn Furquim Werneck Lima, UNIRIO

Gabriela Celani, Unicamp

Jean-Paul Thibaud, ENSAG

José Manuel Pinto Duarte, PennState University

Julio Arroyo, Universidad Nacional del Litoral

Leopoldo Eurico Bastos, UFRJ

Marta Adriana Bustos Romero, UnB

Raquel Rolnik, USP

Comissão Editorial

Editorial Committee

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Bárbara Thomaz (coordenação executiva)

Editores convidados

Guest Editors

Priscilla Peixoto, UFRJ

Rute Figueiredo, CEEA-ESAP - Portugal

Daniela Ortiz dos Santos, Goethe University - Frankfurt am Main

Guilherme Bueno, UFMG

Joana Mello de Carvalho e Silva, USP

Mário Magalhães, UERJ

Equipe Executiva

Executive Team

Augusto Ruschel (apoio executivo)

Fernando Fiorotti Mathias (secretaria executiva)

Mirela Linhares (apoio executivo)

Pedro Saldanha (apoio executivo)

Revisão

Revision

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Bárbara Thomaz

Tradução

Translation

Augusto Ruschel

Ethel Pinheiro Santana

Bárbara Thomaz

Pedro Saldanha

Editoração / Projeto Gráfico

Desktop publishing / Graphic Design

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Bárbara Thomaz

Mirela Linhares

Design Original: Plano B [plano-b.com.br]

Capa

Cover

Exposense, 2024 com carta reduzida do Oceano Atlântico. Na Bahia de Todos os Santos [Salvador], 1793.

Fotografia de Priscilla Alves Peixoto

Carta Reduzido de José Fernandes Portugal Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart493135/cart493135.html.

Acessado em: 07/12/2024.

Exposense, 2024 with a reduced chart of the Atlantic Ocean. In the Bay of All Saints [Salvador], 1793.

Photography by Priscilla Alvez Peixoto

Chart by José Fernandes Portugal.



PROARQ



Copyright©2023 dos autores

Author's Copyright©2023

Cadernos PROARQ

Av. Pedro Calmon, 550 - Prédio da FAU/ Reitoria, sl.433

Cidade Universitária, Ilha do Fundão

CEP 21941-901 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Website: <http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista>

E-mail: cadernos.proarq@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA

Cadernos do PROARQ Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
No.1 (setembro 1997) - versão impressa
No. 43(dezembro 2024) - versão eletrônica - 224 p
ISSN: 1679-7604 (impresso)
ISSN: 2675-0392 (online)
1-Arquitetura - Periódicos. 2-Urbanismo - Periódicos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. 2024.

Comitê Científico

Scientific Committee

Adriano Tomitão Canas, UFU	Gilberto Yunes, UFSC	Marta Peixoto, UFRGS
Alfredo Akira Ohnuma Junior, UERJ	Giselle Arteiro Azevedo, UFRJ	Monica Bahia Schlee, Pref RJ
Alice Brasileiro, UFRJ	Gleice Azambuja Elali, UFR	Monica Pertel, POLI/UFRJ
Alice Theresinha Cybis Pereira, UFSC	Guilherme Bueno, UFMG	Monica Salgado, UFRJ
Alina Santiago, UFSC	Guilherme Chagas Cordeiro, UENF	Nayara Rosa Amorim, UFBA
Aline Werneck Barbosa Carvalho, UFV	Guilherme Lassance, UFRJ	Nivaldo de Andrade, UFBA
Ana Albano Amora, UFRJ	Gustavo Rocha-Peixoto, PROARQ/UFRJ	Oswaldo Silva, UFRJ
Ana Beatriz Ayroza Galvão, Escola da Cidade	Helio Herbst, UFRJ	Paola Berenstein Jacques, UFBA
Ana Carolina Bierrenbach, UFBA	Italo Caixeiro Stephan, UFV	Patrizia di Trapano, UFRJ
Ana Gabriela Godinho Lima, Mackenzie SP	Jardel Pereira Gonçalves, UFBA	Paula Uglione, UFRJ
Andrey Rosenthal Schlee, UNB	Jean-Paul Thibaud, ENSAG	Paulo Afonso Rheingantz, UFRJ
Angélica Tannus Benatti Alvim, Mackenzie SP	Joana Mello de Carvalho e Silva, USP	Paulo Roberto Ferreira Carneiro, POLI/UFRJ
Antonio Carlos Carpintero, UNB	Jonathas Magalhães, PUC Campinas	Reila Vargas Velasco, UFRJ
Antônio Colchete Filho, UFJF	José Merlin, PUC Campinas	Renato Tibiriçá de Saboya, UFSC
Antonio Tarcísio Reis, UFRGS	Junia Mortimer, UFMG	Renato da Gama-Rosa Costa, Fiocruz
Any Brito leal Ivo, UFBA	Laís Bronstein Passaro, PUC Rio	Ricardo Cabús, UFAL
Beatriz Oliveira, UFRJ	Laura Novo Azevedo, Oxford Brookes University	Roberto Righi, Mackenzie SP
Benamy Turkienicz, UFRGS	Leandro Medrano, Unicamp	Rodrigo Gonçalves, UFSC
Carlos Eduardo Dias Comas, UFRGS	Leandro Torres Di Gregorio, POLI/UFRJ	Romulo Krafta, UFRGS
Circe M. Gama Monteiro, UFPE	Leonardo Salazar Bittencourt, UFAL	Roselyne de Villanova, Valle de Seine
Claudia Barroso-Krause, UFRJ	Leopoldo Eurico Gonçalves Bastos, UFRJ	Rosina Trevisan Ribeiro, UFRJ
Cláudia Piantá Cabral, UFRGS	Letícia Zambrano, UFJF	Rubens Andrade, UFRJ
Claudio Antonio Lima Carlos, UFRJ	Lídia Quieto Viana, UFBA	Rute Figueiredo, ESAP e UAL (Portugal)
Cristiane Rose Duarte, UFRJ	Liz Sandoval, UNB	Ruth Verde Zein, Mackenzie SP
Daniela Ortiz dos Santos, Goethe University - Frankfurt am Main (Alemanha)	Lucia Costa, EBA UFRJ	Sergio Leusin, UFF
Dely Soares Bentes, PUC Rio	Luciana Andrade, UFRJ	Sheila Walbe Ornstein, USP
Denise de Alcântara, UFRJ	Luciene Pimentel da Silva, UERJ	Silvia Sávio Chataignier, FACMA - Universidad Autónoma de Chile
Denise Mônico dos Santos, UFV	Luís Antônio Jorge, USP	Silvia Tavares, James Cook University - Australia
Douglas Vieira de Aguiar, UFRGS	Luis Otávio Cocito de Araújo, POLI/UFRJ	Silvio Soares Macedo, USP
Edson Mahfuz, UFRGS	Luiz Eirado Amorim, UFPE	Sonia HilfSchulz, UFRJ
Eduardo Grala da Cunha, UFPE	Maisa Veloso, UFRN	Sylvia Rola, UFRJ/Coppe
Elaine Garrido Vasquez, POLI/UFRJ	Marcelo Gomes Miguez, COPPE-UFRJ	Thais de Bhanthumchinda Portela, UFBA
Eloisa Petti Pinheiro, UFBA	Márcio Fabricio, USP	Thaise Gambarra Soares, Pontificia Universidad Católica de Chile
Emilio Haddad, USP	Marcos Martinez Silvano, UFRJ/Coppe	Tulio Marcio de Salles Tiburcio, UFV
Emmanuel Pedroso, UFJF	Maria Angela Dias, UFRJ	Vera Bins Ely, UFSC
Evelyn Furquim Werneck Lima, UNIRIO	Maria Angela Faggin Leite, IEB/USP	Vera Tangari, UFRJ
Fernando Diniz Moreira, UFPE	Maria C. Guimaraens, UFRJ	Vinicius Netto, UFF
Fernando Freitas Fuão, UFRGS	Maria Cristina Schicchi, PUC Campinas	Virginia Vasconcellos, UFRJ
Fernando Oscar Ruttikay Pereira, UFSC	Maria Lucia Malard, UFMG	Wagner Rufino, UERJ
Flávia Brito do Nascimento, FAU USP	Maria Luisa Trindade Bestetti, USP	Wilson Florio, Unicamp
Frederico Holanda, UNB	Maria Maia Porto, UFRJ	Yvonne Maggie, UFRJ
Gabriel Girnos Elias de Souza, UFRJ	Mario Magalhães, UERJ	
Gabriela Celani, Unicamp	Marta Adriana Bustos Romero, UNB	

Avaliadores - Revista 43

Evaluators - Edition 43

Daniela Ortiz dos Santos, Goethe University - Frankfurt am Main
(Alemanha)

Fernando Diniz, UFPE

Guilherme Bueno, UFMG

Helio Herbst, UFRRJ

Joana Mello de Carvalho e Silva, USP

Junia Mortimer, UFMG

Liz Sandoval, Casa da Cultura da América Latina

Mário Magalhães, UERJ

Priscilla Peixoto, UFRJ

Rubens de Andrade, UFRJ

Rute Figueiredo, ESAP e UAL (Portugal)

Wagner Rufino, UERJ

Palavra do Proarq

O Cadernos PROARQ encerra 2024 com mais uma publicação vitoriosa em meio a tantas dúvidas sobre os rumos e o futuro das publicações científicas brasileiras. O parque editorial científico brasileiro, em especial da área da arquitetura e urbanismo, é um lutador, pois as equipes que estão à frente dos periódicos acumulam a atividade editorial, em geral pouco valorizada, com a atividade acadêmica, somada a busca por recursos financeiros para sua viabilização.

O Cadernos PROARQ, tal como a maioria de seus pares, busca dar oportunidade para todos os pesquisadores e reconhecimento para os trabalhos nacionais, que não raro têm alcance internacional. Neste caminho, e com grande amplitude, este número temático se volta para a construção de memórias relevantes para o nosso campo na história da crítica arquitetônica, trazendo saberes coletados pelo mundo, mas que nos afetam. Precisamos nos conhecer melhor, entendermos o que temos em comum e o que nos diferencia, neste país continental.

Neste final de ano, a Coordenação do PROARQ deseja a todo esse grupo perseverante um 2025 com muitas publicações de sucesso, perseverança e resiliência. Somos todos vencedores!

Andrea Queiroz Rego

Coordenadora do PROARQ

A word from Proarq

Cadernos PROARQ ends the year 2024 with another successful publication amidst so many doubts about rumors and the future of Brazilian scientific publications. The Brazilian scientific editorial park, especially in the area of architecture and urbanism, is always under struggles as the teams that are in charge of the intellectual production combine editorial activity, generally undervalued, with academic activities, added to the search for financial resources to its viability.

Cadernos PROARQ, like most of its peers, seeks opportunities for all researchers and recognition for national work, which often has an international reach. Along this path, and with great scope, this thematic issue focuses on the construction of memories relevant to our field in the history of architectural criticism, bringing knowledge collected from around the world, but which affects us. We need to get to know each other better, understand what we have in common and what differentiates us, in this continental country.

At the end of the year, the PROARQ Coordination wishes this entire persevering group a 2025 with many successful publications, perseverance and resilience. We are all winners!

Andrea Queiroz Rego

Head of PROARQ

Crítica, Mídias e Memória: culturas transatlânticas em foco

A edição temática número 43 do periódico CADERNOS PROARQ é voltada a ensaios e pesquisas que se cercam da crítica e da apresentação dos meios de montagem de uma memória arquitetônica que demonstra a troca cultural promovida “entre-mares” por localidades, mas, também instâncias de pensamento que dialogam entre si. Construindo este escopo e o processo de análise estão os editores especiais Priscilla Peixoto, Daniela Ortiz dos Santos, Guilherme Bueno, Joana Mello de Carvalho e Silva, Mário Magalhães e Rute Figueiredo, especialmente convidados pela Câmara de Editoria para liderar esta produção intelectual.

Os textos que se apresentam nesta edição são resultado da abertura de submissões para pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo e correlacionadas, e também da apresentação de trabalhos derivados do II Colóquio Crítica, Mídia e Memória | Diálogos Transatlânticos em Arquitetura, ocorrido em 2024 - todos submetidos e avaliados de forma dupla-cega.

A edição, portanto, reúne conteúdo bibliográfico que analisa a operação crítica em arquitetura – seus objetos, suas práticas e seus atores – constituída no trânsito Atlântico. Aborda os diferentes mecanismos de mediação (traduções, periódicos, publicações e reuniões internacionais) que permitiram estruturar redes de relações, contato e permuta entre atores sociais provenientes de diferentes culturas críticas das margens desse oceano e que, sobretudo, o entrecruzam.

O conjunto de artigos contempla objetos que enfatizam o transitar por territórios. Demonstram também a intenção de investigar a crítica da arquitetura como prática de identificação, tensionamento e mediação de culturas arquitetônicas diversas. Enfatizam o modo como culturas críticas, ao entrarem em contato umas com as outras, se modificam a partir de perdas, seleções e redescobertas, criando algo que não é nem mera junção, nem um mosaico, mas sim uma síntese nova e criativa.

Além dos artigos selecionados por sua aderência temática, foi possível manter a Seção FÓRUM, habitualmente montada no Cadernos PROARQ a partir de propostas textuais com temas emergentes, com enfoques específicos. Assim, mesmo não relacionado diretamente à questão da crítica, o artigo selecionado para essa Seção, “Proibição x permissividade: política patrimonial em Brasília”, faz um relato pulsante da evolução e das modificações urbanas na capital brasileira.

Assim, a Seção FÓRUM é cunhada pelo artigo de **Frederico Holanda**, que discorre sobre o Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília (PPCUB) e seus conflitos entre as transformações urbanas e a “natureza excludente da capital”. O autor aborda a relação conflituosa estabelecida entre o Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília (PPCUB) e as transformações urbanas na capital do Brasil. Em seu trabalho, Holanda também convida os leitores a uma reflexão sobre o papel da arquitetura na afetação dos corpos, suas práticas e expressões, no cotidiano.

Voltando a proposta da edição temática, o referencial teórico e metodológico que a baliza é compartilhado com os leitores a partir da publicação de dois trabalhos expressivos: “Crossed Glances: Architecture and Criticism astride Geographies”, escrito por **Paolo Scrivano** e a entrevista “Pensar por nebulosas, os lugares da linguagem”, com **Margareth da Silva Pereira**, e conduzida por duas das editoras convidadas deste número do Cadernos PROARQ, **Rute Figueiredo** e **Priscilla Alves Peixoto**.

A escolha editorial de publicar esses dois textos como marcos da edição temática busca demonstrar, seja por meio de “Crossed Glances” [olhares cruzados] ou abordando “Nebulosas” intelectuais, que a produção da crítica se dá no encontro de mundos. Por isso, interessa estudar a história da crítica da arquitetura que aconteceu e acontece no contato, afetação, colisão ou disputa de disciplinas, de territórios e de culturas.

Os demais textos recebidos, ampliam essa proposta e abordagem, traçando diferentes rotas para o estudo desses encontros e práticas. São trabalhos dedicados às mais variadas modalidades críticas ocorridas em espacialidades e temporalidades diversas, mediadas pelo trânsito Atlântico.

O primeiro texto do conjunto de, “Transatlantic Transfers. Tools and methods for an integrated approach”, de **Marta Averna** e **Roberto Rizzi**, apresenta os resultados de um grande projeto interinstitucional conformado a partir de investigações da área do design e que se concentrou na “historiografia das relações do pós-Segunda Guerra Mundial entre a Itália e os Estados Unidos”. O texto articula as várias camadas do quebra-cabeça de uma pesquisa desenvolvida ao longo de três anos, apresentando a construção de estratégias, abordagens e ferramentas para expressar conteúdos, relações e reflexões de fenômenos culturais complexos.

Os dois textos que se seguem - “‘London, New York, anyone?’ Ada Louise Huxtable’s architectural criticism, the United Kingdom, and the threads of a transatlantic architectural discourse”, de **Valeria Casali**, e “Posição, Contexto e Tradução. As cartas de Lina Bo Bardi e Bruno Zevi”, de **Tatiana Letier Pinto**, abordam a performance daqueles que se consagraram como críticos de arquitetura, apresentando a construção transatlântica (em seus encontros e desencontros, compreensão e incompreensão) de textos veiculados em jornais de grande circulação e revistas especializadas.

Esses dois trabalhos chamaram a atenção dos pareceristas também pelo enquadramento metodológico que propõem. Em seu texto, Valeria Casali concebe a crítica como um processo de tradução linguística que exige do crítico um esforço de conversão com leitores, cujas formações e culturas são muito diversas. Tal esforço é analisado a partir da produção crítica de Ada Louise Huxtable e do cruzamento de fontes documentais profissionais e pessoais, ou seja, entre textos críticos, cadernos de viagens, notas pessoais e reportagens sobre a crítica norte-americana.

Já Tatiana Letier Pinto estabelece um outro foco: Lina Bo Bardi assume no diálogo transatlântico uma posição que não é somente de deslocamento territorial, mas cultural. Ao naturalizar-se brasileira, a arquiteta abraça uma série de questões marcantes na sua percepção sobre o país, sublinhando sua ênfase nos aspectos políticos, sociais e geográficos imprescindíveis para a discussão sobre arquitetura. Tais pontos transparecem nos desencontros - ainda que afetuosos - de sua correspondência com Zevi, em especial no episódio de Brasília - em que se evidenciam vários graus de tensão e disputa narrativa entre os dois; uma disputa assimétrica, considerando-se o privilégio hierárquico que Zevi se auto concedeu no momento de editar os artigos de Lina Bo Bardi na revista que ele dirigia.

A questão da tradução também aparece em outro texto desta edição: “Disclosing Transatlantic Influences On The Congestion Paradigm in Hong Kong and Shenzhen”, de **Yi Guo** 郭懿. Neste, o fio condutor não são tanto os autores da crítica, mas sim as próprias noções que circulam por meio dela. A partir de exemplos de Hong Kong e Shenzhen, a autora examina a maneira como a “congestão urbana”, conceito teórico de matriz europeia, atravessa fronteiras geográficas e culturais, transformando-se em seu conteúdo e objetivos e gerando novas configurações espaciais e sociais que ajudam a compreender os processos de urbanização na China contemporânea.

Nesse sentido, a autora evidencia a dualidade e os desdobramentos desse intercâmbio intelectual quando aplicado ao urbanismo asiático contemporâneo. Aqui, a teoria em questão é discutida para além de seu conceito original, tanto como uma condição espacial produzida quanto estratégia de catalisação social.

Das noções, passamos às fotografias como expressão da crítica e dos processos de transculturação. O que nos leva ao artigo “Reflexões acerca da flâneuse na urbe moderna brasileira: um estudo a partir da trajetória da fotopermista migrante Hildegard Rosenthal”, de **Luiza Apolinário Rangel Victorino**. Um dos principais contributos deste trabalho é a realização de uma revisão da literatura relativa à relação estabelecida entre os deslocamentos e as diferentes percepções sociais do trabalho de uma mulher judia no imediato pós-guerra. Centrada no trabalho de Hildegard Rosenthal, fotopermista que atuou em Zurique, Frankfurt, Paris e São Paulo, entre as décadas de 1940 a 1960, Luíza Apolinário Victorino analisa como a decisão da fotopermista de colocar no foco de uma série uma mulher realizando atividades cotidianas na urbe paulistana pode trazer indícios tanto da própria biografia de Rosenthal quanto da sociabilidade urbana em São Paulo

no período. Com um enquadramento aparentemente calculado, a prática e a poética de Rosenthal articuladas na série fotográfica passam a ser entendidos pela autora como uma expressão de uma crítica urbana e social, expressas na forma de fotojornalismo.

Expandindo o recorte temporal dos estudos de história da crítica, muitas vezes excessivamente circunscritos ao século XX, dois trabalhos encerram as contribuições enviadas para a edição temática: “Academias de belas artes, crise e crítica em dois lados do Atlântico”, de **Karolyna de Paula Koppke**, e “The Plan of Hochelaga (1566): Indigenous Spatial Thinking and the Early Modern Transatlantic Imagination”, de **Lorenzo Gatta**.

Em comparação com os demais artigos aqui presentes, o texto de Karolyna de Paula Koppke oferece um outro percurso nas relações entre a Itália e o continente americano. Abordando a reforma na Academia de San Carlos (Cidade do México), partícipe a um fenômeno que globalmente acomete as academias no século XIX, Koppke nos apresenta a atuação do arquiteto Francesco Saveri Cavallari e de sua viagem da Regia Accademia di Brera para a capital mexicana. Após a polêmica da conferência apresentada por ele em Milão em 1854 - na qual aborda questões que vão do olhar para as tradições até os termos que capacitam um autor a falar criticamente sobre arquitetura - Cavallari aceita o convite para se transferir para o Novo Mundo e ali implantar a figura do engenheiro-arquiteto na formação profissional. A transferência aponta, argumenta a autora, que a mudança do ensino de arquitetura se deu no trânsito atlântico e não da Europa para as Américas, invertendo, assim, os pólos de inovação.

O texto de Lorenzo Gatta, assim como o texto de Karolyna Koppke, parecem trilhar os caminhos de uma “histórias às avessas”, para utilizar de uma expressão empregada, em 1991, por Margareth da Silva Pereira. Expressão que chamava a atenção para os diferentes vetores e direções dos fluxos das trocas culturais, distinguindo-se daqueles traçados de modo unidirecional, das Metrôpoles para as suas colônias, já bastante naturalizado por uma historiografia eurocentrada.

Assim, também Lorenzo Gatta nos apresenta como os relatos sobre um assentamento estabelecido por indígenas Iroquois (na região que hoje faz parte de Montreal, no Canadá, Hochelaga) pode ser visto como o ponto de partida para uma investigação sobre circulação de saberes do “novo mundo” em direção ao que atualmente se configura como continente europeu. Saberes que incluem experiências de “(...) troca, diplomacia e conflito (...)” e, ao mesmo tempo, de capacidade de manter “(...) independência por mais de três séculos após o primeiro contato (...)”, como nos lembra o próprio autor. O trabalho de Lorenzo Gatta enfatiza, de maneira inequívoca, aspectos presentes em todos os outros trabalhos desta edição temática: a dimensão crítica do fazer historiográfico que, na busca, análise e confrontação de fontes, interpreta e, por conseguinte, afasta relações de neutralidade com o passado. O texto faz a passagem para

a já apresentada entrevista com Margareth da Silva Pereira, fechando uma edição que se esforçou mais em ampliar o debate sobre a história da crítica da arquitetura do que em encerrá-lo.

Desejamos que, neste deslocamento do lugar-comum e na amostragem de novas abordagens dedicadas à história da crítica da arquitetura, os leitores encontrem aqui algumas respostas e muitos lampejos para pesquisas futuras.

Priscilla Peixoto, UFRJ

Rute Figueiredo, CEAA-ESAP - Portugal

Daniela Ortiz dos Santos, Goethe University - Frankfurt am Main (Alemanha)

Guilherme Bueno, UFMG

Joana Mello de Carvalho e Silva, USP

Mário Magalhães, UERJ

Editores Convidados

Ethel Pinheiro Santana, *chefe de editoria*

Aline Calazans Marques, *co-chefe de editoria*

Comissão Editorial

Barbara Thomaz

Coordenação Executiva

Augusto Ruschel, Fernando Mathias, Mirela Linhares e Pedro Saldanha

Secretaria executiva

Criticism, Media and Memory: transatlantic cultures on focus

*T*hematic edition #43 of the journal CADERNOS PROARQ presents essays and due research that focus on criticism and the presentation of the means of assembling an architectural memory that demonstrates the cultural exchange promoted “in-between seas”, but also by instances of thoughts that are in dialogue. Building this scope and the analysis process of this edition we may find the special editors Priscilla Peixoto, Daniela Ortiz dos Santos, Guilherme Bueno, Joana Mello de Carvalho e Silva, Mário Magalhães and Rute Figueiredo, specially invited by the Editorial Committee to lead this intellectual production.

The texts presented in this edition are the result of a Call for submissions from researchers in the fields of architecture, urbanism and related areas, as well as of the presentation of works derived from the II Colóquio Crítica, Mídia e Memória | Transatlantic Dialogues in Architecture, taking place in 2024 - all submitted and evaluated in a double-blind process.

The edition, therefore, brings together bibliographical contents that analyzes the critical operation in architecture – its objects, its practices and its actors – constituted in the Atlantic transit. It addresses the different mediation mechanisms (translations, publications and international meetings) that made it possible to structure networks of relationships, contact and exchange between social actors from different critical cultures on the shores of this ocean and which, above all, intersect it.

The set of papers includes objects that emphasize moving through territories. It also demonstrates the intention of investigating architectural criticism as a practice of identifying, tensioning and mediating different architectural cultures. The papers emphasize the way in which critical cultures, when coming into contact with each other, change through losses, selections and rediscoveries, creating something that is neither a mere junction nor a mosaic, but rather a new and creative synthesis.

Despite the thematic adherence of the selected articles, it was possible to maintain the FORUM Section - usually set up in CADERNOS PROARQ on the bases of textual proposals with emerging topics, essays or criticisms with specific focuses. Even though it is not directly related to the issue of Criticism, the article selected for this Section, “Prohibition x permissiveness: heritage policy in Brasília”, provides a pulsating account of the evolution and urban changes in the Brazilian capital.

The FORUM Section is then coined by the work of Frederico Holanda, which discusses the Preservation Plan for the Urban Complex of Brasília (PPCUB) and its conflicts between urban transformations and the “exclusive nature of the capital”In

his work, Holanda also invites readers to reflect on the role of architecture in affecting bodies, their practices and expressions, in everyday life.

Returning to the proposal of the thematic edition, the theoretical and methodological framework that guides it, is shared with the readers through the publication of two expressive works: “Crossed Glances: Architecture and Criticism astride Geographies”, written by **Paolo Scrivano**; and the interview “Thinking through nebulae, the places of language”, with **Margareth da Silva Pereira**, conducted by two of the guest editors of this issue, **Rute Figueiredo** and **Priscilla Alves Peixoto**. The editorial decision to publish both texts as milestones of the thematic edition is intended to show, whether through “crossed glances” or by addressing intellectual “nebulae”, that the production of criticism takes place at the meeting of worlds. It is, therefore, of great interest to examine the history of architectural criticism, which occurred and continues to occur in the context of contact, affectation, collision or dispute between disciplines, territories and cultures.

The other texts expand this proposal and thematic approach, outlining different routes for the study of those meetings and practices. These works engage with a multitude of critical perspectives occurring in different spatialities and temporalities, mediated by the Atlantic transit.

The first text in the series “Transatlantic Transfers. Tools and methods for an integrated approach”, by **Marta Averna** and **Roberto Rizzi**, presents the outcomes of a large inter-institutional project based on research in the field of design, which focused on the “relations between Italy and the United States in the years immediately after the end of the Second World War”. The text articulates the several layers of the research puzzle developed over three years, presenting the strategies, approaches and tools used to express content, analyse relationships and produce reflections of complex cultural phenomena.

The two texts that follow it - “London, New York, anyone? Ada Louise Huxtable’s architectural criticism, the United Kingdom, and the threads of a transatlantic architectural discourse”, by **Valeria Casali**, and “Position, Context and Translation. The letters of Lina Bo Bardi and Bruno Zevi”, by **Tatiana Letier Pinto** - , address the performance of those who have established themselves as architecture critics, presenting the transatlantic construction (in their encounters and disagreements, understandings and misunderstandings) of texts published in newspapers of large circulation and specialized magazines.

These two contributions also caught the attention of reviewers due to the methodological framework they propose. In her text, Valeria Casali conceives criticism as a process of linguistic translation that requires the critic to make the critic a great deal effort in approaching the readers, whose backgrounds and cultures are very diverse. This effort is analyzed based on the critical production of Ada Louise Huxtable and the crossing of professional and personal documentary sources, that is, between critical texts, travel notebooks, personal notes and reports on North American criticism.

Tatiana Letier Pinto introduces another focus. In her paper Lina Bo Bardi assumes a position in the transatlantic dialogue that is not only characterized by territorial displacement, but also by a cultural one. Upon becoming a naturalized Brazilian, the architect embraces a series of important issues in her perception of the country, thereby highlighting her emphasis on the political, social and geographical aspects that were essential for discussing architecture. Such points can be observed in

the disagreements - albeit affectionate - in her correspondence with the Italian critic Bruno Zevi, particularly in the Brasília episode - in which various degrees of tension and narrative dispute are evident; an asymmetrical dispute, considering the hierarchical privilege that Zevi granted himself when editing Lina Bo Bardi's articles in the magazine he directed.

The issue of translation moreover appears in another text in this edition: "Disclosing Transatlantic Influences on The Congestion Paradigm in Hong Kong and Shenzhen", by **Yi Guo** 郭懿. In this case, the guiding thread is not so much the authors of the criticism, but rather the notions that circulate through it. Using examples from Hong Kong and Shenzhen, the author examines the way in which "urban congestion", a theoretical concept with a European origin, crosses geographical and cultural borders, transforming itself in its content and objectives and generating new spatial and social configurations that help to understand urbanization processes in contemporary China.

Yi Guo 郭懿, in a multiscale analysis, discusses the theory of congestion in Hong Kong and Shenzhen. In this sense, the author highlights the duality and consequences of this intellectual exchange when applied to contemporary Asian urbanism. Here, the theory in question is considered beyond its original concept, both as a produced spatial condition and a strategy for social catalysis.

From these notions we move on to photographs as an expression of criticism and transculturation processes, which brings us to the paper - "Reflections on the flâneuse in the modern Brazilian city: a study based on the trajectory of the immigrant photojournalist Hildegard Rosenthal", by **Luiza Apolinário Rangel Victorino**. One of the main contributions of this work is that it carry out a literature review regarding the relationship established between displacement and the different social perceptions of a Jewish woman's work in the immediate post-war period. Focused on the work of Hildegard Rosenthal, a photojournalist who worked in Zurich, Frankfurt, Paris and São Paulo, between the 1940s and 1960s, Luíza Apolinário Victorino analyzes how the photographer's decision to place, at the center of a series, a woman carrying out everyday activities in the city of São Paulo, can bring evidence of both Rosenthal's own biography and the São Paulo's urban sociability over that period. With an apparently calculated framing, Rosenthal's practice and poetics articulated in the photographic series come to be understood by the author as an expression of urban and social criticism, expressed in the form of photojournalism.

Expanding the time frame of studies on the history of criticism, often excessively limited to the 20th century, two articles conclude the contributions submitted to the thematic edition: "Academies of fine arts, crisis and criticism on two sides of the Atlantic", by **Karolyna de Paula Koppke**; and **Lorenzo Gatta's** "The Plan of Hochelaga (1566): Indigenous Spatial Thinking and the Early Modern Transatlantic Imagination."

In comparison to the other articles presented here, Karolyna de Paula Koppke's text offers an additional perspective on the relations between Italy and the American continent. Addressing the renovation at the Academy of San Carlos (Mexico City), part of a phenomenon that globally affected academies in the 19th century, Koppke presents the work of architect Francesco Saveri Cavallari and his professional journey from the Regia Accademia di Brera to the Mexican capital. After the controversy surrounding the conference he presented in Milan in 1854 - in which he addressed issues ranging from looking at traditions to the terms that would enable

an author to speak critically about architecture - Cavallari accepted an invitation to move to the New World, where he implemented the figure of the engineer-architect in professional training. The author argued that the shift in architectural teaching took place not from Europe to the Americas, but rather into the Atlantic transit , thus reversing the conventional poles of innovation.

Lorenzo Gatta's seems to follow, like Karolyna Koppke's, the paths of a “reverse history”, to borrow an expression used by Margareth da Silva Pereira, in 1991. An expression that draws attention to the disparate vectors and directions of cultural exchange flows, as opposed to those traced in an unidirectional way, from the metropolis to their colonies, which had already been considered naturalized by a Eurocentric historiography.

Lorenzo Gatta moreover shows how reports about a settlement established by Iroquois indigenous people (in the region that is now part of Montreal, Canada, Hochelaga) can be seen as the starting point for an investigation into the circulation of knowledge of the “new world” towards what is currently configured as the European continent. Knowledge that includes experiences of “(...) exchange, diplomacy and conflict (...)” and, at the same time, the ability to retain “(...) independence for more than three centuries after the first contact (. ..)”, as the author himself reminds us. Lorenzo Gatta's work unequivocally emphasizes aspects present in all other contributions to this thematic in this thematic edition: the critical dimension of historiographical work which, in the search, analysis and comparison of sources, interprets and, therefore, removes neutral relations with the past. The text makes the transition to the already mentioned interview with Margareth da Silva Pereira, thus closing an edition that has endeavoured the effort to expand the debate on the history of criticism rather than to close it.

We hope that, in this displacement of the commonplace and in the sampling of new approaches in architecture and urbanism, readers will find here some answers and many insights for future research.

Priscilla Peixoto, UFRJ

Rute Figueiredo, CEAA-ESAP - Portugal

Daniela Ortiz dos Santos, Goethe University - Frankfurt am Main (Germany)

Guilherme Bueno, UFMG

Joana Mello de Carvalho e Silva, USP

Mário Magalhães, UERJ

Guest Editors

Ethel Pinheiro Santana e Aline Calazans Marques

Editors in chief - Editorial Committee

Barbara Thomaz

Executive Coordination

Augusto Ruschel, Fernando Mathias, Mirela Linhares e Pedro Saldanha

Executive Secretariat

Palavra dos editores convidados

Não é um exagero afirmar que nas últimas três décadas a historiografia da arquitetura - e, de modo geral, o pensamento teórico do campo - vem experimentando mudanças dramáticas, cujo impacto, enquanto sentido, ainda tem sido tateado. O contínuo esforço de se repensar os discursos da arquitetura, alvos de uma empreitada na virada do século XX para o XXI, ao revisar criticamente a história, lançou mão da recuperação e releitura de fontes e documentos por meio de métodos e de uma compreensão dos arquivos que buscavam nas opacidades e intencionalidades daqueles os interstícios atuantes na formulação das agendas da (e para) a arquitetura.

Essa reabertura, que, de início voltava-se para discutir personagens ou episódios canônicos, apesar de permanecermos dentro de uma narrativa consagrada, progressivamente assumiu novos contornos: somou-se à pergunta sobre o papel de determinadas produções que ali eram vistas como secundárias ou periféricas, o questionamento das mitologias - em especial aquelas oriundas do Movimento Moderno - que incorporamos quase atavicamente (e a questão do “passado” anterior a este necessitou ser recolocada) e, sobretudo, testemunhamos o crescente protagonismo que atores que, mais do que indagar qual o seu lugar nessa história, reivindicam a sua história, legitimando seus referenciais, métodos, demandas e percursos. Assinala-se algo mais do que a “ampliação” do campo, e sim a sua reordenação em vários eixos, um vez que lidamos com questões como identidade, o desejo de diálogos não-hierarquizados, abertura a diferentes epistemologias, o reconhecimento da heterogeneidade das memórias e, não menos importante, a importância de trazer à luz novamente textos, testemunhos, objetos, ideias, contatos porventura deixados no limbo, ou alvos de uma leitura mediada por enviesamentos que ratificam uma ordem há muito consolidada no establishment intelectual. Se questões dessa natureza, no âmbito da virada epistemológica que presenciamos, são eloquentes por si só, em um país como o Brasil, no qual os desafios de enfrentamento da memória são recalcados, estabelecer uma relação com a história que não seja nem inercial, nem passiva é uma tarefa permanente.

Frente a tal perspectiva, a edição 43 do CADERNOS PROARQ elegeu como temática os Diálogos Transatlânticos. Qualquer um familiarizado com a bibliografia sobre arquitetura, ao visitar uma biblioteca ou consultar obras relacionadas aos episódios nos quais eles se façam presentes percebe de imediato a assimetria de posições (com a qual ainda convivemos): a hegemonia intelectual estabelecida a partir de certos centros organizou continuamente essa teia de relações - espelhando seu projeto colonial - mediante uma hierarquia na qual esse outro (seus objetos, ideias, desejos, lugares) permanecesse a menoscabo periférico, ou, quando de atitudes mais “generosas”, especular.

A disputa discursiva, conduzida pelo poder de estruturas desproporcionais, tendeu à

submissão, traduzida nos papéis atribuídos aos diferentes atores nos capítulos de qualquer livro de história universal da arquitetura. O termo universal (verter rumo a uma direção), aliás, não obstante seu teor utópico inicial, acaba por revelar seu enraizamento em um modelo matriz x epígono declinado na relação metrópole x periferia bem conhecida por nós.

Nesse sentido, a intenção desse dossiê é remodelar a operação em que consistem os diálogos transatlânticos. O plural que os designam enfatiza não apenas a variedade de quem participa deles, trazendo à tona a multiplicidade de visões, mas igualmente, a diversidade de situações, posto envolver situações que vão da ocupação de territórios à relações pessoais íntimas. A amplitude do escopo encontrou em nossa proposta editorial dois recortes: o primeiro, observado o contexto no qual atuamos, de o localizar na arquitetura; o segundo, como seu desdobramento, de abordá-lo a partir de sua crítica - fato que não só permite descortinar suas camadas históricas de textualidade, como, dando prosseguimento a uma iniciativa empreendida como editores convidados, têm trabalhado ao longo dos últimos anos com o tema da crítica arquitetônica em si como uma plataforma de exame e análise de um vasto repertório de textos, publicações, eventos, objetos e situações que discutam as nuances e embates manifestos na recepção de suas criações.

Parte dos artigos apresentados nesta edição passou pelo II Colóquio Crítica, Mídia e Memória | Diálogos Transatlânticos em Arquitetura. O evento foi realizado entre os dias 29 e 31 de outubro de 2024 na Escola Superior Artística do Porto, em Portugal, e figura como uma das ações da plataforma de debates “Crítica Memória”, coordenada por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Escola Superior Artística do Porto (ESAP), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidad Politécnica de Madrid (UPM), da Universidad de Navarra e da Goethe University Frankfurt am Main. Portanto, a construção desse dossiê marca não apenas o seu registro temporal, mas também epistemológico.

Nas próximas páginas encontram-se os artigos e ensaios que dão corpo à temática da revista, e representam uma amostragem dos debates ocorridos não somente ali, mas, importante ressaltar, enunciados desde a edição inaugural de nosso evento (em 2021, em formato híbrido) e em outras reuniões de trabalho de nossos grupos de pesquisadores. Ele multiplica nossa intenção, não apenas por ser o resultado de processo, mas também por refletir o modo como esse se constituiu, aproximando-nos, dentre outras, coisas pelas diferenças - biográficas, de formação, de objetos desinteresse, de referenciais, de histórias pessoais, intelectuais e sociais. Mas haverá crítica que não nasça assim? Ao longo destes últimos três anos trabalhando sobre o tema aqui apresentado, acreditamos ter construído um comum, algo que nos permite, inclusive, escrever juntos, sem abdicar do fato dele se potencializar precisamente na disposição a trocar os ângulos de percepção.

Com sua extensão que separa continentes, um oceano não se apaga, se navega. em apenas o atravessa não consegue orientar sua viagem. Para tanto, é preciso atentar para todos os detalhes que balizam as rotas. Parte de nossa intenção original, de centralizar o dossiê na História da Crítica, precisou rever suas premissas, uma consequência natural da maneira como foram ensaiadas as respostas ao nosso convite: a história da crítica trouxe consigo evidentemente a história crítica. Ou seja, revisitar objetos (textos, cidades, projetos, personagens, debates, materiais e o que mais for) é indagar os aparatos e estratégias que constituem sua leitura e promoção, assim como assinalar o que dizem a nós hoje.

Todos esse fatores não nos isentam - pelo contrário, instigam-nos - a lidar com as encruzilhadas, prováveis ou imprevisas, surgidas: questões que considerávamos superadas (no sentido de uma cultura compartilhada) apresentam-se desafiadoras a serem comunicadas para quem não está em um círculo próximo; em outros termos, estamos sempre perante as aporias da tradução. Elas perpassam nossa chamada: traduzir é intercambiar códigos, pensar nos intervalos e migrações pelas quais cada cultura interpreta, define, representa e simboliza a si com o outro. Admitindo a simultânea riqueza, assim como os obstáculos e barreiras aí implícitos - essa "inexatidão" da tradução e como se reage a ela é também a marca de vitalidade que o tema traz como horizonte aos novos leitores e pesquisadores -, o dossiê conta com a colaboração de autores de diferentes instituições e países, que, por sua vez, aportaram estudos de casos não menos variados, seja nos recortes geográfico e temporal, seja no tema por eles escolhidos para responder ao que cada um entendia como uma possibilidade de cartografar tais diálogos e seus frutos.

A vastidão espacial e a variedade de ventos do Atlântico indicam quantos percursos temos a fazer e quantos elos a construir. Deixam-nos ver, valendo-nos da imagem evocada por Margareth Pereira da Silva, na entrevista que abre a edição, as nebulosas com as quais criamos nosso caminho nesse(s) Oceano(s) do pensamento.

Priscilla Peixoto, UFRJ

Rute Figueiredo, ESAP e UAL (Portugal)

Daniela Ortiz dos Santos, Goethe University - Frankfurt am Main (Alemanha)

Guilherme Bueno, UFMG

Joana Mello de Carvalho e Silva, USP

Mário Magalhães, UERJ

Editores Convidados

A word from the guest editors

It is not an exaggeration to state that, over the past three decades, the historiography of architecture—and, more broadly, theoretical thought in the field—has undergone dramatic changes whose impact, while palpable, is still being tentatively explored. The ongoing effort to rethink architectural discourses, an endeavor initiated at the turn of the 20th to the 21st century through a critical revision of history, has relied on the recovery and reinterpretation of sources and documents using methods and understandings of archives that seek, in their opacities and intentionalities, the interstices at work in formulating agendas of (and for) architecture.

This reopening, which initially aimed to revisit canonical figures or episodes while still operating within a consecrated narrative, progressively took on new contours: the question of the role of certain objects and histories deemed secondary or peripheral, was added to the critique of mythologies—particularly those originating from the Modern Movement—that we have almost atavistically incorporated (and the question of the “past” preceding this movement required reconsideration). Most significantly, we have witnessed the growing protagonism of actors who, rather than merely questioning their place in this history, assert their own histories, legitimizing their references, methods, demands, and trajectories. In doing so, it considers more than just an “expansion” of the field; it signals its reorganization across multiple axes, addressing issues such as identity, the desire for non-hierarchical dialogues, openness to diverse epistemologies, recognition of heterogeneous memories, and, importantly, the need to bring back into the light texts, testimonies, objects, ideas, and connections that were perhaps left in limbo or subjected to readings mediated by biases that reinforced an order long established in the intellectual establishment. In the context of the epistemological shift we are witnessing. Such questions are significant in themselves. In a country like Brazil, where memory confrontations are often repressed, establishing a relationship with history that is neither inertial nor passive is a perpetual task.

From this perspective, issue 43 of *CADERNOS PROARQ* has chosen Transatlantic Dialogues as its theme. Anyone familiar with the bibliography on architecture, upon visiting a library or consulting works related to the episodes they cover, will immediately notice the asymmetry of positions (which we still live with): the intellectual hegemony established by certain centers continuously structured this web of relationships—mirroring its colonial project—through a hierarchy in which the “other” (their objects, ideas, desires, places) remained either in peripheral neglect or, under more “generous” attitudes, as a speculative reflection.

The discursive dispute, driven by the power of disproportionate structures, tended toward submission, reflected in the roles assigned to different actors in the chapters of any “universal” history of architecture. The term “universal” (to turn toward a single direction), despite its initial utopian connotation, ultimately reveals its roots in a model of matrix

vs. epigone, articulated in the well-known relationship of metropolis vs. periphery. In this context, the present dossier reframes the dynamics of transatlantic dialogues. Its multifaceted aspects emphasizes not only the variety of participants, bringing forth the multiplicity of perspectives, but also the diversity of situations, encompassing contexts ranging from territorial occupations to intimate personal relationships. The broad scope led our editorial proposal to adopt two specific focuses: first, given the context in which we operate, to locate it within architecture; second, as a corollary, to approach it critically—a direction that not only unveils its historical layers of textuality but also, continuing an initiative undertaken as guest editors, has involved exploring architectural criticism itself as a platform for examining and analyzing a ample repertoire of texts, publications, events, objects, and situations that discuss the nuances and tensions inherent in the reception of these creations.

Some of the articles presented in this issue were part of the II Colloquium Criticism, Media, and Memory | Transatlantic Dialogues in Architecture, held from October 29–31, 2024, at the Escola Superior Artística do Porto, Portugal. This event was one of the initiatives of the *Crítica Memória* debate platform, coordinated by researchers from the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), the Escola Superior Artística do Porto (ESAP), the University of São Paulo (USP), the State University of Rio de Janeiro (UERJ), the Federal University of Minas Gerais (UFMG), the Universidad Politécnica de Madrid (UPM), the Universidad de Navarra, and the Goethe University. The construction of this dossier thus marks not only its temporal record but also its epistemological significance.

On the following pages, you will find articles and essays that embody the magazine's theme, representing a sample of the debates that took place not only there but also, notably, those articulated since the inaugural edition of our event (in 2021, held in a hybrid format) and in other working meetings of our research groups. These pieces amplify our intentions, not only as the result of a process but also as a reflection of how it was constituted, bringing us closer, among other aspects, through our differences—biographical, educational, object-related, referential, personal, intellectual, and social. But can any critique emerge without such roots? Over the past three years working on the theme presented here, we believe we have built a shared foundation, one that allows us to write together while embracing the potential born precisely from the willingness to exchange angles of perception.

With its vast expanse separating continents, an ocean cannot be erased; it must be navigated. Merely crossing it does not suffice for guiding one's journey. For that, attention to all the details marking the routes is necessary. Part of our original intention to center the dossier on the History of Criticism required revisiting its premises—a natural consequence of how responses to our invitation were framed: the history of criticism evidently brought with it critical history. In other words, revisiting objects (texts, cities, projects, figures, debates, materials, and more) means interrogating the apparatuses and strategies that shape their interpretation and dissemination, as well as reflecting on what they signify to us today.

These factors do not absolve us—on the contrary, they compel us—to engage with the crossroads, whether probable or unforeseen, that arise: issues we thought resolved (in the sense of a shared culture) present themselves as challenging to communicate to those outside a proximate circle; in other words, we are always confronted by the aporias of translation. These permeate our call: translating means exchanging codes, reflecting on the intervals and migrations through which each culture interprets, defines, represents, and symbolizes itself in relation to the other. Acknowledging the simultaneous richness and the implicit challenges and barriers—this "inexactness" of translation and our reactions to it is also a mark of the vitality the theme offers to new readers and researchers—the dossier features contributions from authors from various institutions and countries, who, in turn, have provided case studies no less diverse in their geographical and temporal scope and in the topics they chose to respond to what each perceived as a possibility for mapping such dialogues and their outcomes.

The vastness of space and the variety of Atlantic winds reveal how many journeys we have yet to undertake and how many connections we have yet to build. They allow us to perceive, borrowing the imagery evoked by Margareth Pereira da Silva in the interview that opens this edition, the nebulous paths we forge through this (or these) Oceans of thought.

Priscilla Peixoto, UFRJ

Rute Figueiredo, CEAA-ESAP - Portugal

Daniela Ortiz dos Santos, Goethe University - Frankfurt am Main (Germany)

Guilherme Bueno, UFMG

Joana Mello de Carvalho e Silva, USP

Mário Magalhães, UERJ

Guest Editors

Sumário *Contents*

Forúm

Proibição vs permissividade: política patrimonial em Brasília

Prohibition vs permissiveness: heritage policy in Brasília

Frederico Rosa Borges Holanda

24

Crossed Glances: Architecture and Criticism astride Geographies

Olhares cruzados: arquitetura e crítica a atravessar geografias

Paolo Scrivano

55

Transatlantic Transfers. Tools and methods for an integrated approach

Transatlantic Transfers. Instrumentos e métodos para uma abordagem integrada

Marta Averna e Roberto Rizzi

75

“London, New York, anyone?” Ada Louise Huxtable’s architectural criticism, the United Kingdom, and the threads of a transatlantic architectural discourse

“London, New York, anyone?” A crítica arquitetônica de Ada Louise Huxtable, o Reino Unido e os fios de um discurso transatlântico

Valeria Casali

93

Posição, Contexto e Tradução – As cartas de Lina Bo Bardi e Bruno Zevi

Position, Context and Translation - The letters of Lina Bo Bardi and Bruno Zevi

Tatiana Letier Pinto

Sumário *Contents*

112

Disclosing Transatlantic Influences On The Congestion Paradigm in Hong Kong and Shenzhen

Divulgando as influências transatlânticas no paradigma do congestionamento em Hong Kong e Shenzhen

Yi Guo 郭懿

133

Reflexões acerca da flâneuse na urbe moderna brasileira: um estudo a partir da trajetória da fotojornalista imigrante Hildegard Rosenthal

Reflections on the flâneuse in the brazilian modern urbanity: a study from the trajectory of immigrant photojournalist Hildegard Rosenthal

Luiza Apolinário Rangel Victorino

152

Academias de belas artes, crise e crítica em dois lados do Atlântico

Fine Arts Academies, Crisis, and Criticism on Both Sides of the Atlantic

Karolyna de Paula Koppke

168

The Plan of Hochelaga (1566): Indigenous Spatial Thinking and the Early Modern Transatlantic Imagination

O Plano de Hochelaga (1566): O Pensamento Espacial Indígena e a Imaginação Transatlântica no Início da Era Moderna

Lorenzo Gatta

186

**ENTREVISTA com Margareth da Silva Pereira
Pensar por nebulosas, os lugares da linguagem.
Entrevista com Margareth da Silva Pereira, por
Rute Figueiredo e Priscilla Alves Peixoto**

*INTERVIEW with Margareth da Silva Pereira
Thinking through Nebulae, the places of language*

Rute Figueiredo e Priscilla Alves Peixoto